

Escritos sobre

**Epistemologia
da
Comunicação**

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Lorangeira – UTP
André Parente – UFRJ
Carla Rodrigues – PUC-RJ
Ciro Marcondes Filho – USP
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP
Erick Felinto – UERJ
Francisco Rüdiger – PUCRS
Giovana Scareli – UFSJ
J. Roberto Whitaker Penteadó – ESPM
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Marcelo Rubin de Lima – UFRGS
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Michel Maffesoli – Paris V
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Pierre le Quéau – Grenoble
Renato Janine Ribeiro – USP
Rose de Melo Rocha – ESPM
Sandra Mara Corazza – UFRGS
Sara Viola Rodrigues – UFRGS
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

Apoio:



Escritos sobre

Epistemologia da Comunicação

Luiz Claudio Martino



Editora Sulina

© Luiz Claudio Martino, 2017

Capa:
Humberto Nunes

Editoração e projeto gráfico:
Vânia Möller

Revisão:
Simone Ceré

Revisão gráfica:
Miriam Gress

Editor:
Luis Antônio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação CIP
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

M386e Martino, Luiz Claudio
Escritos sobre epistemologia da comunicação / Luiz Claudio
Martino. — Porto Alegre: Sulina, 2017.
334 p.

ISBN: 978-85-205-0772-8

1. Teoria da Comunicação. 2. Meios de Comunicação Social.
3. Comunicação – Epistemologia. 4. Televisão - Meios de
Comunicação. 5. Jornalismo. I. Título.

CDD: 301.14

CDU: 070

316.77

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Meridional Ltda.
Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim
Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS

Tel: (0xx51) 3311-4082
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

{Agosto/2017}

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

Sumário

7 | Prefácio

Parte I – Programa de Estudos

21 | Epistemologia da Comunicação: um percurso intelectual

Parte II – Conceitos

51 | De qual Comunicação estamos falando?

74 | O que é Meio de Comunicação? Uma questão esquecida

96 | A Atualidade Mediática: o conceito e suas dimensões

Parte III – O objeto de Estudo da Comunicação

113 | Elementos para uma Epistemologia da Comunicação

128 | Interdisciplinaridade e objeto de estudo da Comunicação

140 | Abordagens e representação do campo comunicacional

163 | Ceticismo e inteligibilidade do pensamento comunicacional

181 | Ceticismo e interdisciplinaridade: paradoxos e impasses da teoria da comunicação

Parte IV – Teoria

197 | Teorias da Comunicação: o estado da arte no universo de língua espanhola

223 | Significação da Teoria em um campo diversificado

255 | A interpretação do dado empírico no contexto das correntes teóricas em Comunicação

279 | Considerações sobre a explicação em Comunicação

301 | Os Cursos de Teoria da Comunicação à luz do Jornalismo: obstáculos e impropriedades das posições tecnicista e intelectualista

319 | Referências

Prefácio

Os textos aqui publicados se ocupam do modo como é gerado o conhecimento teórico sobre os meios de comunicação. Não representam a totalidade, e nem saberia dizer se constituem a seleção mais representativa de um trabalho longamente amadurecido ao fio de quase três décadas de reflexão. Neles se examinam a possibilidade e o interesse no estabelecimento da epistemologia da comunicação. Questões para especialistas, mas que se revelam de grande relevância para a sociedade, na medida em que se reconhece a influência desse tipo de tecnologia em nossas vidas, a ponto de os meios de comunicação serem considerados traços distintivos do estágio civilizatório atual.

Etimologicamente, *epistemologia* é o estudo do conhecimento científico, único tipo de conhecimento em que o termo *teoria* se afasta do uso ordinário da língua, para ganhar sentido próprio. A aproximação com as ciências sociais não é uma defesa do cientificismo, mas a busca de interlocução, já que a filosofia pouco se ocupou dos meios de comunicação. O que não quer dizer que lhe sejamos hostis, ao contrário, assinalamos justamente a falta que faz o suporte e a relação crítica com a filosofia.

Ainda em relação à ciência, as limitações deste volume não nos permitem entrar nos detalhes de sua definição. Tampouco abordaremos o problema que põe em xeque se a comunicação é ou não uma ciência; digamos que é ciência tanto quanto qualquer ciência

social pode ser ciência. Ademais, deixemos claro, “ser” uma disciplina científica, ou melhor, tratá-la dessa forma, é uma possibilidade que não afasta outras concepções.

No intuito de poupar energia com falsos problemas, pareceu-me oportuno apresentar neste prefácio uma visão sintética a respeito de epistemologia e algumas breves informações de contexto dos trabalhos apresentados.

1. O que entender por epistemologia?

Epistemologia **não é moral**, não é uma forma de obrigação (“tu deves...”, “não podes...”). Seu operador é a crítica. A crítica colaborativa que não obsta sem apontar caminhos, que não nega, sem reconstruir, que opõe visando fortalecer. Ela parte do que o pesquisador faz, tenta explicitar os modos do fazer, sua significação, por isso, nada tem a ver com a ideia de uma normatividade inibidora (tolher, proibir...), que se traduziria como privação da liberdade do pesquisador. Pelo contrário, a epistemologia ajuda a fazer o que se está fazendo; acima de tudo, é uma compreensão.

Epistemologia **não é metafísica**. Ela não corresponde à defesa – nem mesmo à busca – da fundamentação última do conhecimento. Nosso conhecimento decorre da existência das coisas? Ou tudo o que sabemos sobre elas – e mesmo a própria ideia de *coisa* – já seria produto das limitações de nosso conhecimento? O exercício do pensar tem como primado o Ser ou o conhecimento? A epistemologia se posiciona nesta última alternativa como opção racional, argumentada, antidogmática e tão justificada quanto possível; como um pensamento não metafísico na medida em que isso é possível, ou seja, como pressuposto, não como prova. Na verdade, também existem relações em que metafísica e ciência se alimentam e se complementam. Em todo caso, trabalhar de maneira epistemológica é pensar por meio do

conhecimento, sem apelo a instâncias que o extrapolem (Deus, coisa em si...) ou a verdades inquestionáveis, baseadas em convicções dogmáticas (ideologias, crenças, finalidades práticas, etc.).

Epistemologia **não é política**. Ponto mais delicado, pois o pensamento marxista difundiu a crença de que o poder é a realidade última das coisas. Para muitos, o simples fato de falar de ciência já abomina, posto que ela seria uma manifestação do poder ou um instrumento nas relações de poder. Entretanto, tais predicados evidentemente não são exclusivos da ciência, essa interpretação pode ser aplicada a qualquer produto ou ação humana. Na verdade, não se pode identificar ou reduzir o conhecimento ao poder, exceto se tivermos por absoluta esta última noção, o que significaria ter sido resolvido o problema da relação entre metafísica e conhecimento.

Uma metafísica do poder, ou mesmo uma pós-metafísica do poder, na variante mais atual do pós-moderno, introduz dogmas, verdades inquestionáveis, mesmo que seja sob o manto da negatividade (“não há verdade”, “a objetividade não existe”, “o real acabou”, etc.). De outra parte, afirmar a dúvida – realmente afirmá-la sem travesti-la em verdade negativa ou negativo da verdade – constitui um modo de lidar com a impossibilidade de uma fundamentação última. É de suma importância compreender a significação epistemológica dessa impossibilidade, nela repousa a diversidade das formas de conhecimento e também vários traços distintivos da ciência. Por exemplo, a diversidade teórica (possibilidade de múltiplas perspectivas sobre um fenômeno) e disciplinar (cada disciplina equivale a um posicionamento em relação à realidade fenomênica) ou mesmo a natureza precária e transitória das teorias. Entre o nada e a verdade dogmática, a ciência se instaura como pensamento hipotético, conjectural.

Além do mais, rejeitar a redução do conhecimento ao poder é um ato político, se assim devemos nos expressar. Um ato político de luta contra o obscurantismo e contra todas as formas de dominação derivadas ou apoiadas na ignorância (apenas o conhecimento geraria

dominação?). Resguardar a possibilidade da ciência como forma de conhecimento é garantir alguma esfera de razoabilidade, para além da qual só restaria a força física e seus congêneres no plano simbólico (propaganda, censura, guerra psicológica...). A razoabilidade é, portanto, um contrapoder, que tem no conhecimento científico um apoio e um forte aliado.

Moral, metafísica, política... a especificidade do pensamento epistemológico também deve ser buscada no confronto com outras abordagens do conhecimento¹ e no interior da ciência, em contraste com seus elementos intrínsecos. Vejamos este último aspecto.

Epistemologia e Teoria. *Se a teoria tem por objeto um fenómeno no mundo; a epistemologia é uma reflexão sobre teoria.* À epistemologia compete refletir sobre todas as dimensões da teoria científica: limites, limitações, validade, adequação metodológica, identidade disciplinar, caracterização em relação a um campo teórico, etc. Seu interesse abrange temas como a diversidade e a sistematização das teorias, de modo que a epistemologia se ocupa não apenas de teorias isoladamente, mas da relação entre elas – no interior ou entre disciplinas diferentes.

Teoria e Pesquisa. *A dimensão pragmática* nos ajuda a identificar outros importantes elementos para a definição da epistemologia. Tome-se a distinção entre teoria e pesquisa, enquanto a primeira expressa um conjunto de conhecimentos virtuais, a pesquisa é a atividade que envolve a competência de empregá-los na investigação de casos concretos (invenção, aplicação ou aperfeiçoamento das teorias existentes). À reflexão epistemológica cabe acompanhar a pertinência e a validade dessa relação entre o conhecimento consolidado e o novo conhecimento gerado pela pesquisa. Enquanto parte da cultura, a ciência também implica um sistema de regulação entre o novo e o

¹ A epistemologia é apenas uma das muitas abordagens da questão do conhecimento: gnosiologia, filosofia da ciência, teoria do conhecimento, sociologia da ciência... Discutimos isso em "As Epistemologias Contemporâneas e o Lugar da Comunicação" (Martino, 2003c).

já instituído. A epistemologia se ocupa do que há de propriamente científico nesse processo (o que não quer dizer que as instituições científicas estejam livres de modismos ou de relações de poder).

Epistemologia: ciência ou filosofia? Epistemologia *é uma dimensão intrínseca à ciência*. Se epistemologia implica tudo que diz respeito à teoria, ela não substitui a teoria. É preciso discernir dois planos de análise, por isso alguns a chamam de metateoria, aliás corretamente, no sentido de que expressa sua dimensão reflexiva. Contudo, a epistemologia não é teoria, mas uma crítica à ela; trata-se de um controle da especulação. Isso dá margem a interpretar a epistemologia como uma atividade filosófica, o que novamente só expressa meia verdade. É tão válido a filosofia se ocupar da ciência, tomá-la como objeto, como a ciência não abdicar de uma reflexão concomitante e intrínseca ao próprio conhecimento científico. Não se poderia admitir que o cientista faça pesquisa e deixe ao filósofo o trabalho de lhe dizer o que está fazendo. Tal repartição de competências é absurda, sugere que as teorias seriam geradas e aplicadas sem que o pesquisador estivesse atento à coerência, consistência e significação de seu trabalho. O filósofo complementa, critica, dialoga com a investigação científica, mas não substitui a reflexão epistemológica intrínseca a esta.

2. Epistemologia da comunicação: por quê?

Embora os meios de comunicação sejam bastante familiares, o estudo de sua presença em praticamente todos os domínios da vida ainda tem muito o que avançar.

E são vários os obstáculos. Alguns são genéricos, como a tecnofobia, compreensão radicalmente negativa da técnica. Outros aparecem no plano do teórico-conceitual, visto a dificuldade de delimitar o fenômeno. É comum vê-los tratados como pretextos para discussões de outra ordem (ideologia, poder, características da audiência, movimentos da cultura, etc.) ou vê-los confundidos com mensagens

(meio = análise de certo filme, de certa emissão de TV, de certa notícia, etc.), ou ainda, configurados de forma tão ampla quanto insólita, que perdem o sentido (meio = dinheiro, partido político, corpo, luz...).

Citemos, também, a resistência a seu estudo no interior mesmo do mundo acadêmico. Pode-se dizer que pensar a comunicação moderna tem sido a tarefa de produzir, resistir, contrabalançar a influência dos meios de comunicação. Enquanto alguns entendem que isso passa por desenvolver o conhecimento sobre eles, outros entendem que devem anular até mesmo a possibilidade de pensá-los (sua significação não deve ser buscada neles, mas em outra esfera). E não faltam aqueles mais radicais, que acreditam que o objeto de estudo, enquanto objeto de estudo, deva ser combatido como uma força política. Os pós-modernistas, com a fúria do devir que lhes caracteriza, também não ajudam, e de certa forma convergem com setores marxistas ao falarem de *réquiem para os meios* (na eloquente expressão de Baudrillard, 1972).

Enfim, sempre espantou-me a tranquila negligência com o conceito de meio de comunicação, relegado à obriedade. Naturalização que testemunha a compreensão geral e hegemônica sobre eles.

Acredito que a reflexão e as pesquisas terão um papel importante para mudar este panorama. Não serão leis e regulamentações que poderão alterar este estado de dependência e obnubilação, até porque estão fundadas nas mesmas percepções ordinárias que temos dos meios de comunicação. Boa parte das quais formadas através deles, com eles, graças a eles e na disputa por eles. Não podemos continuar subestimando seu impacto sobre as estruturas cognitivas responsáveis pela produção de conhecimento (ciência, academia, sistema de educação...), haja vista o que são capazes de fazer com nossas reações emocionais, gostos e opiniões. É preciso fazer avançar a compreensão como uma maneira de criar outra sensibilidade e termos uma perspectiva mais próxima do que realmente significam.

A epistemologia representa, então, uma tentativa de colocar a reflexão sobre os meios de comunicação em outro patamar, criando

as condições para o entendimento de sua especificidade tecnológica (tecnologias do simbólico, simulações da mente) e como uma das chaves para a compreensão do mundo em que vivemos.

3. Apresentação dos textos

Várias possibilidades de organização foram cogitadas e acabei priorizando os textos ligados ao problema da constituição do saber comunicacional, sua possibilidade e especificidade², ficando de fora trabalhos que dialogam com o problema epistemológico a partir de outra questão³. Alguns efeitos não desejados dessa opção é que pontos como história e tecnologia aparecem relativamente pouco e, de outra parte, que a interdisciplinaridade não tem o destaque à altura de sua importância, embora atravesse quase todos os textos. No capítulo introdutório teço um panorama do conjunto e aponto os trabalhos nos quais são desenvolvidos estes três aspectos decisivos para a compreensão da epistemologia da comunicação.

Epistemologia da Comunicação: um percurso intelectual foi uma demanda das professoras Maria Immacolata V. de Lopes e Margarida Kunsch para o II Seminário Nacional de Epistemologia da Comunicação, cujos trabalhos foram publicados em *Epistemologia da Comunicação no Brasil: trajetórias autorreflexivas* (Lopes; Kunsch, 2015). Obra que reúne as reflexões de expressivos nomes do pensamento epistemológico brasileiro sobre seus próprios trabalhos, constituindo rico material para a comparação de abordagens e concepções do estudo

2 Outros trabalhos nesta linha são: *Teorias da Comunicação: Poucas ou Muitas?* (2007), "As Epistemologias Contemporâneas e o Lugar da Comunicação" (Lopes, 2003), "O Campo da Comunicação e suas Teorias" e "O saber epistemológico sobre a comunicação" (Barros; Kunsch, 2008).

3 Por exemplo: "Perspectives Critiques et Épistémologie de la Communication: le rôle central du débat sur la technologie" (George; Granjon, 2014), "História e Identidade: apontamentos epistemológicos sobre a fundação e fundamentação do campo comunicacional" (Capparelli; Sodré; Squirra, 2005).

da comunicação. Como assinala o título, apresento aí uma visão de conjunto de meus trabalhos, bem como suas inspirações e influências.

De qual Comunicação estamos falando? Trata-se de uma versão mais completa de um texto conhecido, da mesma época deste, mas que, por razões editoriais optou-se pela versão reduzida. Nele apresentamos definições básicas de comunicação (etimologia, acepções de dicionário...) e sentidos do termo.

O que é Meio de Comunicação? Texto inédito, apresentado na 4ª Conferência ICA América Latina (2014). Trata-se de uma crítica dos usos correntes e também da apresentação de minha definição do termo. O entendimento dos meios de comunicação como *simulações tecnológicas da mente* foi a intuição que me trouxe para o campo da comunicação, ainda quando terminava meu curso de graduação em psicologia, e segue como uma de minhas principais referências para pensar a comunicação em todos os seus âmbitos. O texto retoma e desenvolve discussões de minha tese de doutorado, *Télévision et Conscience*. A dimensão tecnológica pode ser complementada com a leitura de “*Philosophie de la Technique et Technologies de la Communication*” (Perraton et al., 2012b), no qual apresento a definição e a classificação das tecnologias do simbólico. A dimensão social remete ao artigo da *Atualidade Mediática* e sua continuação, como explicado abaixo.

A Atualidade Mediática: o conceito e suas dimensões foi apresentado no Encontro da Compós de 2009. É outro texto inédito, um desdobramento direto da questão da simulação, trabalhada como simulação do tempo social. Foi escrito a partir do desafio amigável do professor André Vitalis, da Universidade de Bordeaux III, para um seminário sobre o “Tempo”. Ele foi produzido como introdução ao que viria a ser o texto de fato apresentado: *Le Temps, essence des medias* (*Tempo Essência dos Meios de Comunicação*, não reproduzido aqui), que dialoga com a sociologia de Durkheim para mostrar a especificidade dos conceitos de *social* e de *tempo* no saber comunicacional. O texto aqui publicado traz a discussão da transformação estrutural do

acontecimento, proporcionada pela atualidade mediática e suas consequências para a cultura, o social, a representação e a tecnologia. Ele também expressa minha formulação do objeto de estudo da comunicação e poderia estar classificado na parte 3 desta obra.

Elementos para uma Epistemologia da Comunicação discute a passagem do problema da polissemia do termo comunicação para a questão da interdisciplinaridade. Nele são apresentadas três categorias a partir das quais podemos classificar os estudos epistemológicos da comunicação: lógico-formal, empírica e histórica. É nesta última que situo minha abordagem, na tradição das ciências sociais que recorrem à história para recortar e apontar a especificidade de seus objetos de estudos. Ou seja, a comunicação moderna é entendida como singularidade histórica⁴.

Interdisciplinaridade e objeto de estudo da Comunicação inaugura minha produção epistemológica no Brasil, colocando diretamente a questão central da relação do que estudamos e o estatuto epistemológico desse conhecimento. Foi apresentado no congresso da Intercom em 1998. A interdisciplinaridade representa o pensamento hegemônico em matéria de epistemologia da comunicação, o que a torna uma questão incontornável, como de fato se mostrou neste texto e em muitos outros que se seguiriam.

Abordagens e representação do campo comunicacional traz um levantamento dos modos de interpretar nosso domínio de estudo. Nele se discute as compreensões que historicamente constituíram – e que ainda temos – nosso objeto de estudo e o estatuto disciplinar da comunicação.

Ceticismo e inteligibilidade do pensamento comunicacional é parte de uma pesquisa financiada pelo CNPq envolvendo o levantamento das teorias da comunicação em vários universos linguísticos.

4 Publiquei vários textos sobre história, mas seria interessante conectar este com *História e Identidade*, no qual se discute certo uso da história como substituição da questão epistemológica.

No caso, o universo francês, fortemente marcado pela interdisciplinaridade, cuja significação é apontada como uma resposta à argumentação cética. Isso permite entender a relação histórica entre ceticismo e interdisciplinaridade e a coincidência de serem interpretações defendidas pelos mesmos autores, explicada no movimento de se afastar da referência à ciência para adotar o sentido mais radical de interdisciplinaridade. O ceticismo, de certa forma, opera a transição destas duas fases da epistemologia da comunicação. Este texto, curiosamente, por vezes é tomado como uma crítica cética, uma demonstração da inviabilidade do saber comunicacional. Na verdade, mostra que posições céticas e interdisciplinares têm por base as mesmas inconsistências. Ele abre uma linha de pensamento que será desenvolvida nos textos que se seguem.

Ceticismo e interdisciplinaridade: paradoxos e impasses da teoria da comunicação. Continuação do trabalho anterior, foi apresentado no Congresso da ALAIC de 2004 e publicado na *Revista Argentina de Comunicación*, em 2008. Nele se analisam as transformações históricas da ideia de interdisciplinaridade e o aparecimento, nos anos 1980, de uma ideia radical, de antiepistemologia, uma pretensa alternativa à ciência⁵.

Teorias da Comunicação: o estado da arte no universo de língua espanhola. Outro resultado da pesquisa já citada, agora centrada na Espanha. O trabalho mostra de forma muito clara a dispersão das “teorias da comunicação”, mas sobretudo que ela se assenta na falta de critério capaz de apontar a especificidade de uma teoria da comunicação: o que nos permite identificar uma *teoria da comunicação*? Tal lacuna, ao contrário do que se espera, afeta o fundamento da posição interdisciplinar, que se apoia em uma noção de “diversidade” sem examinar criticamente sua origem. Tempos depois descobri duas

5 Os aspectos institucionais e ideológicos da interdisciplinaridade são discutidos em *O Mito da Interdisciplinaridade* (em colaboração com Katrine T. Boaventura, não reproduzido aqui).

pesquisas similares (Bryant; Dorina, 2005; Anderson, 1996), que interpretaram os resultados de forma muito diferente. Discussão realizada no texto a seguir.

Significação da Teoria em um campo diversificado, texto preparado para a abertura do Colóquio Brasil-Estados Unidos, no âmbito da Intercom 2010. Aqui apresentamos uma versão reformulada, publicada em Gonzáles & Vizer (2016), mas que guarda a ideia central de que a diversidade de nosso campo de estudo (*the ferment*), na qual se ampara a análise da nova visão interdisciplinar, único consenso de nossa área de estudo, revela-se também um grande obstáculo epistemológico. O texto original foi ampliado com uma análise crítica do que talvez seja a versão mais elaborada da interdisciplinaridade proposta por Robert Craig.

Os dois textos seguintes, *A interpretação do dado empírico no contexto das correntes teóricas em Comunicação* e *Considerações sobre a explicação em Comunicação*, analisam a caracterização de uma disciplina, e o que isto significa em termos epistemológicos. Um ponto por si só importante, cujo interesse redobra na medida mesma em que a visão da sociologia da ciência (articulada com a interdisciplinaridade) domina as análises do conceito de *campo*. Nem sempre os debates têm em conta que o significado sociológico desse termo precisa estar articulado a um sentido epistemológico, sem o qual se transforma em argumentação cética, associada à interdisciplinaridade. Disciplina científica não é administração/burocracia universitária, a distinção permite e exige estudos diferenciados, de modo que a epistemologia e a sociologia da ciência podem ser complementares e não necessariamente devem se excluir. O segundo texto, *Considerações sobre a explicação*, faz parte da investigação do universo de língua inglesa da pesquisa citada (junto com os textos de *Poucas ou Muitas* (2007) e o já comentado *Significação da Teoria*).

Em *Os Cursos de Teoria da Comunicação à luz do Jornalismo* teço considerações epistemológicas sobre a formação do jornalista

(extensíveis aos profissionais da comunicação em geral: publicitários, relações públicas...) e o que temos a ganhar trabalhando o nexo entre as práticas profissionais e as questões teóricas.

Finalizo com sinceros agradecimentos a todos aqueles – alunos, colegas e amigos – que, ao longo desses anos, mediante críticas, dúvidas e diálogos, têm ajudado a elaborar estas reflexões.